

Ajuda externa poderá não surtir efeito imediato nas contas públicas

Eficácia de pacotes do FMI é maior em países com elevado fluxo comercial

ANDRÉ SIQUEIRA

O pacote de ajuda de US\$ 30 bilhões concedido ao Brasil pode não surtir efeito tão rápido sobre as contas do País como teve em economias mais voltadas para o comércio exterior, que também recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI). As situações vividas pelo México, em 1994, pela Coréia do Sul, em 1997, e pela Rússia, em 1998, são exemplos de como o reforço do Fundo pode servir de trampolim para deixar para trás crises econômicas agudas, desde que as conjunturas econômicas de cada país e do mundo favoreçam o esforço de retomada.

A Rússia e o México receberam os aportes do fundo em situações bem mais complicadas do que a enfrentada hoje pelo Brasil. A primeira já havia decretado moratória unilateral, enquanto o segundo enfrentava as consequências da maxidesvalorização da moeda, o peso. Mas o México, segundo especialistas, contava com a fronteira com os EUA, com quem mantém intensas relações comerciais, enquanto a Rússia soube aproveitar a alta dos preços do petróleo, seu principal produto de exportação.

“Já a Coréia possui um comércio internacional extremamente elevado, por isso a melhora foi imediata com a entrada de dinheiro”, acrescenta o vice-presidente da Nossa Caixa, Joaquim Elói Cirne de Toledo, que também é professor da Faculdade de Economia e Administração da USP. “Isso é fundamental para um país ser capaz de se ajustar com facilidade aos choques externos.”

No caso do Brasil, a desaceleração da economia mundial e o fraco desempenho do País nas vendas externas, agravado pela crise dos parceiros do Mercosul, são pontos negativos, segundo Toledo, que cita também a tendência de fuga dos investidores. “O pico das avaliações de risco do México e da Rússia, quando estavam no auge de crises mais graves do que a brasileira, foi de cerca de 1.700 pontos. O risco Brasil beirou os 2.400 e agora está em torno de 2.000”, compara Toledo. “O comportamento dos investidores internacionais mudou radicalmente quando estourou a bolha de riqueza da economia mundial. Era previsível que a desaceleração econômica levaria à aversão ao risco.”

Prejuízos – O economista Luís Suzigan, da consultoria LCA, lembra que os US\$ 57 bilhões em ajuda à Coréia do Sul vieram de várias fontes, além do FMI, num esforço para evitar altos prejuízos para a comunidade econômica mundial. “A semelhança é que a Coréia também recebeu ajuda em um momento

RÚSSIA,
MÉXICO E
CORÉIA FORAM
BENEFICIADOS

de transição política”, diz, lembrando que o país teve de se submeter a várias exigências do Fundo, entre elas a ratificação do acordo pelo governo seguinte. “Mas hoje o país está em situação mais confortável que a do Brasil, com endividamento menor e sem déficit em conta corrente.”

Para Suzigan, a quebra da economia brasileira também poderia causar considerável turbulência financeira internacional, num momento em que mesmo os EUA atravessam período de desaceleração e enfrentam a chamada “crise contábil”. “A situação dos EUA é complicada e foi esse temor que levou à radical mudança de postura do FMI ao conceder a ajuda ao Brasil”, afirma.